

**CURSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE FORMADORES DO CENTRO NACIONAL DE
FORMAÇÃO EM ECONOMIA SOLIDÁRIA – CFES NACIONAL**
Segunda Turma – Segundo módulo presencial

O Centro Nacional de Formação em Economia Solidária, realizou entre 13 a 17 de setembro de 2009, a segunda etapa presencial da segunda turma nacional de formação de formadores em Brasília, que tem por objetivo a execução de ações formativas de educadores, formadores e gestores públicos que atuam com economia solidária.

Os formadores desta turma são os representantes dos 27 FEESs, selecionados a partir dos seguintes critérios:

- já tenham desenvolvido atividades de formação para comprovar que é um formador, ou seja, possuir acúmulo na formação em economia solidária, e,
- o formador possuir algum acúmulo na área de marco legal (por exemplo, ter se envolvido no processo de proposição de projeto de lei estadual ou municipal);

Nesta turma, por sugestão da SENAES, também foram convidados a participar formadores do Programa de Qualificação Profissional para Economia Solidária – PlanSeQ Ecosol (Planos Setoriais de Qualificação). Estiveram presentes neste módulo as seguintes Redes: Fruticultura, Artesanato, Abelha, Projeto Coesperança e Pesca.

Os conteúdos deste curso têm como base os eixos prioritários definidos pelo FBES, tendo ênfase em todos os cursos as questões referentes à educação popular e a formação/educação em economia solidária e às metodologias de sistematização. Levou-se em consideração que os temas tratados estivessem baseados no conhecimento construído a partir das atividades formativas realizadas pelos formadores/educadores, contribuindo para fortalecimento do movimento de economia solidária. Os objetivos e conteúdos temáticos estão referendados no projeto apresentado a SENAES, construído a partir do termo de referencia.

Este módulo teve os seguintes objetivos:

- Criar, produzir, aprofundar instrumentos de sistematização;
- Refletir sobre os processos de sistematização, a partir das práticas formativas;
- Fortalecer a rede de formadores de economia solidária;
- Fortalecer a autonomia dos formadores/educadores em Economia Solidária;

E tratar os seguintes conteúdos temáticos:

1. Educação popular e a formação/ educação na economia solidária;
2. Experiências de trabalho e gestão de processos formativos e de mobilização na economia solidária;
3. Políticas públicas e Desenvolvimento territorial, sustentável;

Apresentamos a proposta de programação, que foi submetida para análise, reflexão e debate, sendo desta forma passível de alterações pelo coletivo de formadores/educadores.

Programação

Dia 13 (Domingo)		
Dia/Hora	Atividade	Descrição da atividade
8h as 12h	Chegada dos Formadores	
14h	Abertura	Fala de boas vindas
14h10min	Apresentação dos Participantes Ciranda dos Nomes Apresentação do programa Apresentação dos Objetivos do módulo e do curso como um todo Desmistificação do papel dos facilitadores	Em círculo, inicia com dança de ciranda. Nos reencontrando....
15h30	Intervalo	
15:45	A nossa "árvore"	Os objetivos e expectativas de cada participante
16:30	O método autogestionário: seus limites, críticas e sugestões	<ul style="list-style-type: none"> • Debate em grupos sobre a experiência de uso do método autogestionários no 1º módulo do curso, observando: o que foi experimentado, limites, críticas, sugestões • Socialização dos debates nos grupos • Debate em plenário
17h30	Organização dos GT's	
17h45min	Reunião dos GT's	
Dia 14 (Segunda-feira)		
Dia/Hora	Atividade	Descrição da atividade
08h30min	Dinâmica de Animação Relatos das atividades dos GT's	Socialização das propostas de trabalhos que o GT's estão propondo para o Grupo
9h	Experiência de Sistematização dos participantes do 1º Curso Nacional de Formação de Formadores	Debate em grupo por regiões/Planseq, tendo por indicadores de roteiro para o debate: - Apresentar a experiência para ser passível de análise - recuperação do processo de sistematização feito, como foi o percurso metodológico. - instrumentos utilizados para sistematizar - quais os sujeitos envolvidos no processo - qual a estratégia de comunicação do produto
10h30min	Intervalo	
11h	Experiência de Sistematização dos participantes do 1º Curso Nacional de Formação de Formadores	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação das conclusões dos grupos • Debate com facilitadores
12h30min	Almoço	
14h00min	Experiência de Sistematização dos participantes do 1º Curso Nacional de Formação de Formadores	Apresentação das conclusões dos grupos Debate com facilitadores
16h00	Intervalo	
16h30	Construção do conhecimento a partir das experiências de sistematização	Debate com os facilitadores sobre os próximos passos a partir do exercício de sistematização, e o foco central: - a rede de formadores - a ação na territorialidade
18h30min	Encerramento das atividades	

Dia 15 (Terça-feira)		
Dia/Hora	Atividade	Descrição da atividade
08h30min	Dinâmica de Animação Relatos das atividades dos GT's	Socialização das propostas de trabalhos que o GT's estão propondo para o Grupo
9h30min	As experiências recentes de formação realizadas nos Regionais	Atividade em grupos por região Vamos problematizar, trocar, propor.....
10h30min	Intervalo	
11h	Apresentação dos grupos	
12h30min	Almoço	
14h00min	Estratégias formativas: <ul style="list-style-type: none"> • O lugar do Educador • Desenvolvimento Territorial/Políticas Públicas • Relação da sistematização com a pedagogia da autogestão 	Exposição provocativa por Cláudio Nascimento e Aida Bezerra
16h00	Intervalo	
16h30	Estratégias formativas: <ul style="list-style-type: none"> • O lugar do Educador • Desenvolvimento Territorial/Políticas Públicas • Relação da sistematização com a pedagogia da autogestão 	Atividade em grupos por região Apresentação dos Grupos de Trabalho
18h00min	Encerramento das atividades	
Dia 16 (Quarta-Feira)		
Dia/Hora	Atividade	Descrição da atividade
08h30min	Dinâmica de Animação Relatos das atividades dos GT's	Socialização das propostas de trabalhos que o GT's estão propondo para o Grupo
9h30min	O PACTO PEDAGÓGICO	Aida Bezerra Olhando para a nossa árvore – Pontos a repensar após o aprendizado
10h30min	Intervalo	
11h	O Pacto pedagógico	Aida Bezerra
12h30min	Almoço	
14h00min	Oficina sobre experiências de Sistematização/Passeio por Brasília	
Dia 17 (Quinta-Feira)		
Dia/Hora	Atividade	Descrição da atividade
08h30min	Dinâmica de Animação Relatos das atividades dos GT's	Socialização das propostas de trabalhos que o GT's estão propondo para o Grupo
9h30min	Articulação da Rede de Formadores Seminários de Assistência Técnica Encaminhamentos sobre sistematização Informes CFES Regionais Agendas	
10h30min	Intervalo	
11:00	Continuidade das discussões	
12h30min	Almoço	
14h00min	Avaliação	
16h00	Intervalo/Término da atividade presencial	

Primeiro Dia –13/109/2009

No primeiro dia, houve a apresentação dos participantes, “o reencontro”, com a apresentação da programação, através da dinâmica intitulada, “A rádio da Formação em Economia Solidária”. Após a apresentação da programação, abrimos ao coletivo de formadores, reflexões sobre a proposta de programação apresentada pelo CFES Nacional.

Debate/reflexões em torno da proposta de programação

Alzira - Dificuldades de discutir a programação com tantos limites, como recebimento programação na quarta-feira, distância. O que é exatamente debater um método autogestionário para um curso?

Aida - *Superação seria debater a programação no final do curso anterior. Sem esta possibilidade, fazer um esforço para debater no início do curso, mesmo com tais limites. Sobre objetivos, fazer desde o começo para saber o interesse de cada um. Esta a idéia da árvore dos objetivos. Questão da autogestão no curso, é proposta de experimentação, que se aprende somente fazendo durante os cursos, sendo reinventada. Não é aprendizagem como método para ser replicada. É um exercício para a gente se reavaliar.*

Terezinha - Programação está bem, mas queria mais sobre marco legal. Há espaço muito grande para trabalhar isto nas oficinas.

Digo - Expectativa sobre o marco legal foi muito grande no primeiro módulo. Mas cada um aqui tem expectativas diversas, o que se foi vendo ao longo do módulo. Na programação deste módulo há avanço em relação ao primeiro módulo. Tem uma proposta, uma diretriz, amarrando com o primeiro módulo. Alinhar as expectativas no primeiro momento é fundamental, porque há grande diversidade de objetivos. Outra coisa é entender os limites da execução de projetos. Por isso ter chegado a programação com antecedência foi bom, pelo menos pra conhecer com antecedência. Construção coletiva da proposta do curso: não entendo nosso processo como autogestionário, porque temos limites, como construir a programação. Usaríamos muito tempo para fazer isto. Para isto tem uma equipe para pensar isto, um conselho gestor.

Léo - Marco legal não é ponto central do módulo, mas o tema é muito importante. Mas podemos debater e trocar informações sobre como foram às formações sobre o tema nos Estados, além de informes sobre a proposta de lei.

Roberto Marinho - Estamos com problemas sérios de comunicação no CFES Nacional. A forma como se dá a convocação dos participantes é muito importante. Sobre qual a notícia que chega. Tem que avançar no fato de que este espaço é de formação de formadores, e isto a partir da partilha das experiências dos formadores que são convidados a participar dos cursos. Num processo de diálogo de formadores sobre sua práxis. Segundo, este é espaço de aprofundamento de conteúdos que foram apontados nas oficinas nacionais de formação/educação. Entre um dos conteúdos está marco jurídico da Economia Solidária.

Altamiro - Na discussão sobre marco legal nos nossos Estados criou-se uma expectativa. E não pode parar com esta conversa, sob pena de frustrar o movimento de Economia Solidária nos Estados. Por isso deveria aqui ter discussão mais aprofundada.

Sergio - Ter o tema marco legal como objeto de estudo no curso na sua ênfase como experiência de prática pedagógica. Sobre o tema rede de formadores, que conversemos sobre isto ao longo dos debates sobre o papel do educados, o pacto pedagógico, etc.

Suely - A ênfase da programação do nosso curso é o método autogestionário e a sistematização. E devemos nos concentrar nestes pontos porque estamos provando estes temas nos cursos estaduais.

Maurício - Programação é bastante aberta. E envolve muito do que foi feito no inter-módulo. O tema da autogestão, para uma pedagogia da autogestão. E é possível fazer a ligação da

proposta pedagógica com o tema do marco legal, abordando a questão do Estado, da política pública. A questão forte da segunda Conferência de Economia Solidária sem dúvida será o marco legal para a Economia Solidária. O foco da sistematização é muito importante, para saber que processos pedagógicos têm ocorrido nas regiões.

Nilse - Interessante seria fazer articulação entre a proposta do CFES e as necessidades da base, para dar efeito multiplicador. Aprofundar que métodos pedagógicos nos desafios da Economia Solidária, na sua realidade. Também debater sobre porque a gente ficou tão desarticulado entre os dois módulos.

Digo - Tema de Autogestão esta é a questão da Economia Solidária. A ligação da autogestão com a discussão sobre o Estado é isso que nós temos que fazer ao longo dos debates no curso, percebendo a transversalidade dos temas, com a proposta da programação.

Alzira - O que estamos fazendo não se aproxima ainda de uma pedagogia de autogestão. Podemos refletir sobre o que tem nos limitado para isto: é o tempo, é a execução da política pública, etc. Este espaço é para escutarmos e dizermos das nossas diferentes concepções sobre autogestão, por exemplo, e sobre a pedagogia da autogestão.

Suely - Necessidade de refletir sobre prática a partir do que cada um tem de teórico sobre o tema.

Saulo - Necessidade de falar sobre um tema a partir de uma experiência prática. Para não ficar discutindo o “sexo dos anjos”. Sobre marco legal, este é o momento para discutir para a Economia Solidária.

Aida - As propostas em discussão sobre a programação não se conflitam. O tema da autogestão se envolve com os demais, como o do marco legal, por exemplo.

Altamiro - Precisamos ajustar os entendimentos dos participantes das duas turmas.

Roberto - Espaço da construção da rede de formadores é nos Estados. Não é no âmbito nacional que dá conta de dar conta disto.

Em seguida, foi solicitado ao formadores/educadores que apresentassem seus objetivos e expectativas em relação com segundo módulo presencial.

Construção da nossa árvore: Os objetivos e expectativas de cada participante

Objetivos

Entender o CFES

Sair daqui com uma metodologia definida para uma prática nos estados

Exercitar a sistematização autogestão

Partilhar, aprofundar, fortalecer, organizar

Conhecer os modos diferentes de sistematização das experiências

Identificação dos elementos de Economia Solidária e os pontos de conflito

Perceber os aspectos autogestionários no curso e nas experiências

Aprofundar os pontos abordados para a pedagogia da autogestão

Através das práticas regionais mostrar o que envolve (seus métodos, conteúdos)

Captar conhecimentos da metodologia para o repasse à rede de formadores, fortalecendo a Economia Solidária

Compartilhar experiências de formação em Economia Solidária: quais elementos são essenciais, o papel dos formadores junto aos empreendimentos

Rede de formadores e a comunicação

Ampliar o conhecimento na questão pedagógica na: prática, socialização dos conhecimentos, importância de ser um educador nesse processo

Empedramento, ser sujeito da própria história e visão do mundo

Fortalecer os processos de autogestão em todos os espaços

Fortalecer as relações entre as pessoas da rede de formadores,
Aprofundando discussões práticas de autogestão e sistematização, e processo dos CFES regionais.

Compartilhar, aprofundar as experiências de Economia Solidária

Integrar-me ao grupo nacional, parceiros do Sul

Conhecer as experiências em andamento

Debater conteúdo ligado a processo da formação

Compilar o desconhecido, planejar o real

Planejar apresentar a experiência do processo de sistematização do real

Conhecer, socializar e experimentar experiências formativas

Contribuir para concretizar a rede de formadores

Fortalecer as relações entre as pessoas, instituições e demais atores para a estruturação do sistema da Economia Solidária

Incentivo, formação e conhecimento e troca de experiências de rede de formadores, para seu fortalecimento e do CFES.

Concluir o terceiro módulo com mais clareza do processo formativo autogestionário

A reflexão sobre a real prática autogestionária e o processo multiplicador do formador no seu estado

Por meio da troca de experiências, aprimorar os conhecimentos a fim de contribuir para o crescimento e o fortalecimento da Economia Solidária, a partir dos processos formativos junto aos empreendimentos

Aprofundar os assuntos: sistematização, autogestão, formação de rede

Articulação nacional na formação autogestionária local em Economia Solidária

Expectativas

Fazer um fechamento de toda a abordagem anterior

Conseguir sair do terceiro módulo com uma concepção mais clara do real objetivo das atividades a serem realizadas nos estados e regiões

Socializar as experiências sistematizadas e entender o que realmente é sistematização

Identificar como os diálogos vão se dar, para construção efetiva da rede de formadores.

Como construir as competências da rede de formadores

Melhorar a comunicação

Entender de fato o CFES e resgatar as formações anteriores. Dar continuidade e não começar a formação

Fortalecer a rede de formadores/as

Maior integração da turma, ter mais momentos

A abertura do grupo e disposição para olhar criticamente o processo

Clarear e aprofundar a questão da sistematização e da autogestão como instrumento/temas fundamentais para a Economia Solidária

Trocar experiência dos temas trabalhados

Clareza sobre sistematização e autogestionário

Informações

Segurança e incentivo para fortalecer a rede de formadores, na prática do dia a dia da Economia Solidária

Estabelecer uma rede eficiente de comunicação

Construção de pontos comuns que favoreçam as práticas de formação em Economia Solidária

Formar a rede de educadores/formadores de Economia Solidária

Completar o processo de formação indicado no primeiro módulo

Trocar experiências

Aprofundar os assuntos: autogestão e sistematização

Identificar elementos que ajudem na construção da pedagogia da autogestão

Ouvir experiências de outros sobre formação em Economia Solidária: o que funcionou, e não funcionou como fazer.

Rede de apoio a empreendimentos (jurídico; comércio: tem sido tema nos seus fóruns?)

Não depender do dinheiro do governo: apoiar parcerias

Formalizar ou não: há esse debate?

Com o objetivo de aprofundar a reflexão sobre a proposta sobre o modo de gestão do curso, solicitamos que os formadores/educadores divididos em grupos, debatessem a experiência de uso do método autogestionários no 1   módulo do curso, observando: o que foi experimentado, seus limites, críticas e apresentassem sugestões.

Socialização dos debates nos grupos

Grupo 1: Dig  , Sonale, Saulo, Jaqueline, Carmem, Artur

- Muito Solto – falta de clareza na apresentação e condução da proposta
 - Pouco aprofundamento
 - Muitos Conflitos – bom e ruim
 - Conflitos na coordenação - pouca segurança nas posições
 - Faltou planejamento
 - Limites:
- Respeitar as decisões tiradas coletivamente – não ficar revendo tudo a toda hora
 - Impossível todos discutirem tudo
 - Diferentes tempos presentes nos processos

Grupo 02: Suely, Carlos, Ana, Raimundo, Eni, Carol, Gal

- Houve sobrecarga no GT de sistematização
- A autogestão precisa ser encarada como modelo de sociedade, uma transformação pessoal
- A falta de interesse de algumas pessoas do grupo prejudicou o desenvolvimento do mesmo
- A troca de experiência é fundamental no processo de incorporação prática da autogestão
- A sistematização ficou como obrigação e em alguns momentos ficou perdida no que fazer
- A prática de autogestão no módulo foi intencional, planejado ou o rumo foi tomado durante o módulo, a partir da necessidade, algo que surgiu?
- Necessidade de o CFES nacional expor diretrizes, eixo condutor, expor possibilidades para escolhas.
- Não v   nesta formação um espaço diferenciado dos fóruns: discute, mas não encaminham coisas concretas, produtos. Faltaram aspectos mais formativos no módulo
- Critério de escolha das pessoas, foi um problema;
- Não tem claro o rumo do CFES nacional
- Não dá para não resgatar o passado, esquecê-lo, temos que voltar as formações e discussões anteriores;
- O grupo precisa sair do curso com maior segurança do que fazer
- Por outro lado, se tivéssemos uma programação mais fechada, não teríamos espaço para repensar o processo
- O GT de sistematização foi o GT que mais chamou atenção, que causou conflito e que foi exigido. Houve uma supervalorização.
- O grupo precisa amadurecer mais pessoalmente na prática de autogestão. Lidamos com pessoas e precisamos cuidar do outro, ao mesmo tempo em que encarar as tensões. Ao invés de tentar aprofundar e encontrar soluções para as tensões, a gente foge da discussão ou tentar amenizar as tensões fugindo do enfrentamento. Criamos antipatias por pessoas, o que prejudicou um aprofundamento maior dos debates.
- As problematizações foram vistas muitas vezes como algo que gerou incomodo pelo grupo, algo que soava como cansativo. Isso é um problema para a prática de autogestão e tentativa de repensar as nossas práticas.
- Precisamos estar abertos    críticas e a construção coletiva, desarmados de pré-conceitos com o outro e com a sua maneira de pensar.

Grupo 03: Bárbara, Léo, Angelino, Raquel, Tom, Andréa

- Estiveram presentes no curso elementos autogestionários;
- Não estamos aqui para discutir os conceitos de autogestão, mas a prática;
- A importância no curso não é o conteúdo programático, mas a metodologia;
- Estimular temas (exemplo: marco legal) pode provocar sistematização de experiências sem terem sido vivenciadas. Necessário resgatar elementos importantes para o curso, como o termo de referencia para o CFES's.

Grupo 04; Altamiro, Gustinha, Nilse, Gadalva, Ana Gisele

Experimento:

- Desconstrução do modo de fazer, conceito pré-elaborado;
- Construção de novas políticas causando impacto e reflexões;

Limites:

- Formação acadêmica, dogmática;
- Resistência ao novo;
- Resistência nos grupos;
- Tempo?

Críticas

- Falta de continuidade nos Estados e articulação para complementação dos próprios processos.

Sugestões

- Aprofundar e qualificar a avaliação;
- Garantir efeito multiplicador nos processos autogestionários de formação a partir da prática

Conclusão: Mudança de práticas

Grupo 05: Edinara, Alzira. Neuda, Joana, Adriane, Neide

Pontos Positivos

- A formação é fruto do debate da Economia Solidária, é uma demanda atendida;
- Iniciamos processo de experimentação de autogestão na formação;
- Houve trocas de saberes entre formadores e facilitadores;
- Não se repetiu uma prática de transferência de saber e conhecimento;
- Permanência dos GTR's como organizações facilitadoras de autogestão;

Limites

- Tempo
- Quantidade de tarefas que já temos;
- Dificuldades de escolha dos participantes;

Crítica

- Não houve nivelamento do conceito de autogestão;

Sugestão: Ler o projeto do CFES Nacional (O projeto do CFES Nacional foi apresentado no primeiro módulo do curso)

- Construímos mecanismos que facilitem a definição coletiva da programação;

Em seguida, foram organizadas as equipes de co-gestão.

Segundo Dia – 14/09/2009

O início das atividades do segundo dia, as equipes de co-gestão se reuniram para organizar e apresentar uma proposta de trabalho ao grupo.

Apresentação das propostas das equipes de co-gestão para o segundo módulo presencial:

Grupo de Dinâmica e outras linguagens

Entendemos como papel nosso animar de maneira criativa e contextualizada o desenvolvimento do III módulo. Pensamos em utilizar os diferentes espaços que temos (mata, área verde, trilhas), assim como criar estratégias de aproximação do grupo (integração e corporeidade), sendo possível reconhecer o outro através dos sentidos, dos gostos, estabelecendo um clima de cuidado e proteção um com o outro. Ficou forte a necessidade de fortalecer as místicas nos encontros, o trabalho com a dimensão simbólica.

Apontamos algumas dinâmicas e animações como: dinâmica do anjo protetor, dinâmica das vendas (mergulhando no escuro), mantra ecológico, mala de objetos pessoais e significadas, girafa e elefante, pirulito, musicas, dentre outros.

Grupo de Avaliação

Outra forma de avaliação

Auto-avaliação

O próprio coletivo se avaliar

Avaliar como está andando o processo

Identificar os elementos que são importantes nessa gestão

1º elemento é a flexibilidade

Participação e expressão do outro

Tempo individual/ritmo coletivo

Potencialidade (expressão das potencialidades de cada individua)

Pensar a avaliação não tradicional

Considerar que a avaliação é processual

Considerar erros e falhas como aprendizagens

Como conseguir construir o ritmo coletivo?

Constituição do coletivo (como observar? Como construir?)

Encontrar referenciais de avaliação

O coletivo é formado pelo individual

Buscar elementos do coletivo

A auto-avaliação é processual

Avaliar o todo como a gente cresce no coletivo

Percepção não só com o individuo, mas com o todo

Como construir os espaços para os individuos se expressarem?

Espaço com liberdade de expressão de cada individuo

Dois lugares: o meu lugar individual e o meu lugar coletivo

Como o grupo esta vivenciando

Encaminhamentos:

Referencia para avaliação coletiva:

Construção dos elementos do processo da pedagogia de autogestão

- tempo individual/ritmo coletivo

- expressão das potencialidades

- construção do coletivo;

Grupo de Infra-estrutura

Objetivo: atuar de forma autogestionária, sensibilizando o coletivo para esta constru o.

Estratégia:

- 1) disponibilizar painel para receber as contribui es
- 2) atuar com o GT outras linguagens, para efetivar o funcionamento da radio durante todo o curso.
- 3) identificar e divulgar os patrocinadores do curso (empreendimentos, entidade de fomento e governamentais)

 rea de atua o da Infra-estrutura

- 1) Sustentabilidade ambiental (copos, uso dos ambientes, ar condicionado, mosquitos...)
- 2) inclusão digital (espaço para internet)
- 3) alimenta o
- 4) dormitório (equipamentos)
- 5) roteiro do passeio
- 6) insumos e equipamentos para a confraterniza o de encerramento (apoio a o GT que estiver responsável)

Grupo de Monitoramento

Apoio para respeito aos tempos combinados:

- começar atividades nos horários combinados, independente do número de pessoas presentes
- combinar mais tempo para grupos discutirem e prepararem apresenta o projetadas digitalmente
- pedir que GT anima o assumam a motiva o para o despertar de quem dispersa do momento coletivo de aprendizado, devido às necessidades de tempo biológico de cada indivíduo.

Grupo de Sistematiza o

Um dos desafios do grupo é construir conhecimento e sensibilizar o grupo para a sistematiza o. Proposta é fazer um Jornal: Gota a Gota. Que será construído diariamente e apresentado no final do curso.

Experiência de Sistematiza o dos Participantes do Segundo Curso Nacional de Forma o de Formadores

Em seguida foi realizada a divisão de grupos por regiões/PlanSeQ, tendo por indicadores de roteiro para socializa o, reflexão, apresenta o e debate:

- Apresentar a experiência para ser passível de análise
- Recupera o do processo de sistematiza o feito, como foi o percurso metodológico.
- Instrumentos utilizados para sistematizar
- Quais os sujeitos envolvidos no processo
- Qual a estratégia de comunica o do produto

Apresenta o Grupo Região Sul

Begair – Projeto Esperança/Cooesperan a

- Nunca tinha feito a reflexão sobre o tema da sistematiza o. Depois da experiência do curso   que se apropriou do debate;
- Apresentar em palavras para os empreendimentos o que se fez;
- Difícil em levar para o papel as emo es;
- processo de constru o coletiva;

Edinara - Dificuldade de fazer a atividade sobre a Lei da ES.

Angelino - Levantamento histórico da região;

- Começou a fazer a apresentação da experiência da sistematização, mas não conseguiu terminar. O monitoramento propôs avaliar o tempo de cada apresentação e pensar uma proposta que contemplasse a questão do tempo da atividade.

Plenária para reflexão sobre a apresentação dos formadores/educadores do Sul:

-Begair: registrou a feira através de depoimentos dos envolvidos, 1.000 pessoas,

O que é fio condutor da feira?

Depoimentos e registros documentados de feiras anteriores

Texto de voluntário: feira “aprendente” e “ensinante”

Dificuldade foi de escrever sobre esse é o diferencial da formação, não é estudar um texto, mas trabalhar com consenso, muda. A riqueza aqui está em como tornar digital o que é analógico?

Trabalho de tradução: como foi para ti?

É difícil passar a emoção para o papel, ser coerente para colocar a tua idéia em cima do outro (mesmo que tenha que corrigir um pouco o texto). Begair organizou uma matriz, tendo presente as idéias centrais da economia solidária. Metodologia: colocou o que tinha que ser feito, decidiram a parte de cada um, fez pesquisa documental, reuniu e fez uma devolução do que já havia (trabalho de ir e vir).

-Edinara: A partir do último módulo, instaurou práticas para serem posteriormente sistematizadas. Levou a idéia de trabalhar com o marco legal. Foi difícil. No início, o grupo leu a lei da economia solidária com os participantes da rede de economia solidária. A Feira Sustentar seria outro espaço para desenvolver a serem sistematizadas, mas foi cancelada. Surgiu a possibilidade de outra ação, com a Incubadora, que tem 19 pessoas iniciantes. Foi feita a discussão das leis. Edinara percebeu que tinha que ter questões norteadoras para despertar a consciência de que eles não tinham conhecimento e precisavam estudar mais. Como trabalhar para a equipe ter formação melhor? A sistematização ainda não está terminada.

-Angelino: começou a relatar o processo histórico das cadeias produtivas do município (fruto de um trabalho que ele realizou há alguns anos) e da Compreenda (pontos fortes, fracos) e sistematizaram o anteprojeto da lei de economia solidária em reunião e terão outra discussão sobre o marco legal (universidade, ministério, Caritas, sindicatos, etc.). Outro trabalho foi o de desenvolvimento do Vale da Ribeira através de pesquisa documental. Não ficou claro o que foi fruto de sistematizações anteriores e o que foi resultado da proposta de trabalho.

-Adriane: não estava no módulo anterior.

Apresentação Grupo Centro-Oeste

Altamiro Gomes: sobre a Lei da ES.

Raquel: sistematização do Primeiro curso do CFES Regional (apresentação do documento sistematizado). “A experiência da sistematização foi muito importante porque estávamos discutindo o processo de autogestão na comercialização.”

Carmem: apresentação da experiência de como nasce um grupo de base. Nasceu a partir da campanha da fraternidade. Apresentou o processo de como a sistematização. Feita no coletivo, com a participação da comunidade.

Apresentação do Sudeste

Não fizemos à discussão dos instrumentos. Desencadeamento de análises e reflexões sobre as ações desenvolvidas pelo Fórum e sistematizar as experiências realizadas pelo fórum. Os temas escolhidos para a sistematização de cada participante do SE, foram distintos em seus objetos, devido aos contextos locais que cada fórum / organização esta inserido. No Rio de Janeiro / Léo, o objeto escolhido foi decorrente de uma estrutura fragmentada no Fórum Estadual (FCP/RJ – Fórum de Cooperativismo Popular). Por essa razão a sistematização foi realizada a partir da recuperação dos seus processos históricos de constituição, organograma de funcionamento, agenda, de atividades e até mesmo recuperação de ferramentas como o sítio eletrônico, informativo, criação de grupos virtuais de discussão, dentre outras que vêm sendo desenvolvidos pelos atores da economia solidária no estado. É importante ressaltar que

esse processo de sistematização está sendo realizado de forma continuada, o que desponta o seu caráter (in) formativo.

Em São Paulo / Digó: optou-se em realizar o processo de sistematização a partir do Curso de Comercialização para Técnicos da Agricultura Familiar - MÓDULO IV: comércio justo e solidário – da reflexão ao exercício de novas relações de produção, comercialização e consumo, ocorrido em Natal / RN, de 1 a 4 de setembro de 2009.

Objetivo da sistematização: Analisar os resultados obtidos durante o processo de formação frente aos objetivos inicialmente traçados pelo Instituto Kairós em diálogo com o CTA (Cooperativa de Trabalhadores Autônomos)

Objetivo do curso: Contextualizar e aprofundar debate e reflexões sobre a proposta de desenvolvimento da economia solidária, focando examinar, principalmente, a construção do comércio justo e solidário no Brasil e sua relação com a economia solidária e o consumo responsável.

Apontamentos preliminares: Foi um bom momento de reflexão e aprofundamento, necessidade de criar outro espaço para conversar sobre ferramentas e instrumentos de formação nessas temáticas junto aos grupos demanda gera demanda, processo de formação contínuo. É necessário aprofundar a reflexão sobre a proposta metodológica de formação de multiplicadores do Instituto Kairós.

Necessidade de maior conhecimento dos participantes dos processos, suas demandas e expectativas; tomar cuidado com as expectativas geradas com o envio da programação e material de apoio, pois durante a condução do processo, muitas vezes, estas acabam não sendo contempladas, pois existem alterações da programação; chegar com antecedência para conhecer a estrutura do local aonde ocorrerá o processo; acordar com a coordenação local a metodologia do processo; Identificar discrepâncias e afinidades entre o discurso da economia solidária e agricultura familiar buscando a aproximação desses grupos sociais e a construção de ações práticas casadas.

Apontamentos preliminares: ainda não é possível tecer nenhum apontamento.

Espírito Santo / Galdene: inicialmente a proposta incluiu a sistematização do primeiro módulo dessa turma do CFES. Em seguida optou por sistematizar a experiência do marco legal no estado, mas diante da pouca vivência no processo modificou seu objeto para uma experiência relacionada com a capacitação de conselheiros.

Minas Gerais / Joana: os objetivos da sistematização pretendem alcançar os processos formativos que vêm sendo desenvolvidos no estado. Está programada uma próxima oficina para discussão do marco legal. Contudo o objeto escolhido para este curso ainda está por acontecer, qual seja, a Feira Regional que acontecerá no próximo final de semana. Além disso, como parte do GT de sistematização, ficou responsável por sistematizar o processo do primeiro módulo do curso CFES nacional. Para isso encaminhou os registros pessoais que produziu e a sistematizou as avaliações dos participantes do primeiro módulo para outros integrantes do GT que deram continuidade ao processo.

Apresentação Nordeste

Maranhão – sistematização das feiras

Sergipe – fórum estadual de Economia Solidária

Alagoas – transformar o processo da carta de consulta

Bahia – fazer discussão a nível estadual sobre o marco legal

Pernambuco – sistematização do GT de marco legal

Piauí– não concluiu a sistematização

Dificuldades – grande ativismo dos militantes da Economia Solidária, conquista de novas pessoas pra o processo de vivencia para os fóruns estaduais, mudanças de pessoas.

Centraliza o nas tomadas de decisões e processos de algumas pessoas que tomam a frente dos fóruns.

A pauta do movimento esta sendo definida, numa grande maioria das vezes pelo poder publico
Os fóruns estão centrados nas regiões metropolitanas e na capital (dificuldade de acesso)

Dificuldade na comunica o

Falta de reflexão das nossas praticas

Avanços

Planejamento de alguns fóruns estaduais (indo além da sistematiza o)

Tomada de consciência pra estudar mais, se aprofundar mais

Ousadia do grupo de fazer a própria sistematiza o

Propostas

Sistematizar as experiências somando os saberes dos trabalhadores da Economia Solidária (outros atores)

Socializa o dos subsídios já construídos pelos fóruns e pelo CFES (material escrito sobre sistematiza o, já feitas)

Reflexões

Autogestão pressupõe tempo, pois também temos os nossos limites

A participa o no curso CFES, reacendeu a chama para discutir questão do marco legal no estado do Piauí (Raimundo) (as entidades que fazem parte do fórum começaram a perceber a importância de discutir esse tema)

Apresenta o de experiências

Ana: Apresenta o sobre a sistematiza o das atividades de forma o sobre a lei Geral, realizado no Ceará.

Gedalva: Apresenta o sobre a sistematiza o de forma o sobre a lei Geral. A atividade gerou a possibilidade das pessoas se perceberem no processo. Demanda para os fóruns façam o resgate de cada momento histórico.

Apresenta o Norte

Apresenta o coletiva sobre a sistematiza o realizada pela região Norte. Toda a sistematiza o está voltada ao debate sobre a lei Geral. Esse é o momento da troca de experiências. Nós não podemos tirar o foco da troca de experiências. Precisamos trocar essas experiências.

“O debate girou me torno da organiza o sobre o debate sobre a lei Geral.”

A proposta   trabalhar com os formadores sobre a importância sobre a lei. Proposta metodológica sobre os eixos da ES. A forma o em si esta ficando pra tr s.

Apresentação PlanSeQ

A avaliação dos formadores do PlanSeQ é que essa formação vai ajudar nas ações do PlanSeQ, visto que a sistematização é uma das demandas do programa, que servirá para a prestação de contas das atividades desenvolvidas no PlanSeQ. A demanda da sistematização não é da rede é uma demanda da rede. Apesar de que algumas redes já realizem sistematizações das suas ações e ou atividades formativas.

Tom (Rede de Artesanato): procurou traçar diretrizes básicas para toda a ação do Planseque que nós vamos realizar.

Gislayne/Neide (Rede Abelha): Sistematização sobre o dialogo sobre o Marco Legal da ES.

Begair (Projeto Cooesperança): Apresentação da experiência de organização da Feira de Santa Maria. O processo do modo de gestão: autogestão. Ainda não finalizou.

Construção do conhecimento a partir das experiências de sistematização: Reflexão dos facilitadores sobre as apresentações

Aida: fazer melhor a apresentação sobre as sistematizações apresentadas. O que são as sistematizações, não é uma memória. Como é a pauta do militante, que não tem tempo para pensar, não tem tempo para sistematizar.

Claudio: As sistematizações que vieram diretas de empreendimentos de ES são as mais interessantes. Qual é o estado da arte da ES? As políticas públicas vêm atravessando as nossas ações. O educador da ES tem um caráter experimental, não militante. A sistematização é um meio, fazer de práticas. Não fazer produção de conhecimento pelo conhecimento. O papel do CFES. Aonde vai ser essa troca de saberes. O nosso foco esta certo? Qual a dimensão do ator político? Se vai existir se o movimento da ES existir. Estamos construindo catedrais. Quais serão as pedras que iremos colocar agora. A Não há regra para isso. Em cima da experiência. Vamos construir a autogestão da pedagogia.

Avaliação coletiva do Segundo dia do curso: Roda de conversa

O que ficou? O que rolou durante o dia?

Aída – tempo/ritmo por causa da individualidade

Digó - quanto às questões que se colocou no meio não contemplaram N elementos... a construção desses elementos é pra se pensar

Nilce – ter a preocupação de que as coisas funcionem. Durante o dia: falta de alegria, pensar mais um pouco nisso... Auto-critica: cuidado com o outro (lembrando Artur)

Eni – Claudio me fez reportar o filme Os narradores de Javé, me vi nessa construção. O dia foi produtivo, mas fiquei cansada de ouvir. O ritmo de cada um é pessoal.

Barbara – o que acaba cansando são as sucessivas discussões a respeito do tempo, que não tenha mais essas discussões.

Mari – a gente tem o poder e o controle sobre o tempo. Há um desequilíbrio entre o horário pactuado, daí ter que rever o tempo todo.

Edinara – meu sentimento foi de frustração a gente tem condições de ser melhor, o processo narrativo foi longo, não sai com clareza do que tinha que fazer. O que é sistematizar? Isso com relação ao modulo anterior.

Raimundo – nos precisamos de novas pessoas para assumir as demandas, para mim foi ótimo ser confuso.

Joana – meu sentimento foi de percepção do crescimento do grupo no processo de construção. Todos os tempos não são cumpridos, porque acontece isso conosco? É um momento de pensar. Sistematização: se entendeu ou não, quantos não deram conta? Como trabalhar a agenda que vem para nos ajudar e nos atrapalhar?

Claudio – existem três tempos: 1 para distinguir porque é um acordo. Ter responsabilidade porque estamos usando o recurso do povo. 2 respeitar o biológico de cada pessoa, não podemos trazer o tempo do relógio para o tempo biológico. 3 to percebendo agora o

computador, ele esta sendo invasor, me incomoda. Idéia de clareza: o poeta diz que vemos melhor no escuro eu prefiro a lua. O sol ofusca nossos olhos. (perguntar p/ Claudio)

- com relação a proposta para hoje vi que não estava claro, não confundi procedimento com pedagogia, é possível fazer e aproveitar isso bem, pensar na gente.

Bega – o grupo cresceu, a minha função vem do magistério, e na ecosol tive que desconstruir tudo que aprendi. O que temos que desconstruir em nós?

Suely – dos três grupos em que estive nenhum fez um cartaz/uma síntese, compreender um pouco melhor a programação, a sistematização não apresentou o que ela fez. Sentimento: acho que vai ser e de repente não é. Como aprender com o erro? Faltou provocar novas tensões.

Gal – me senti dispersa, e necessidade enorme do silencio interior,

Angelino – tive momento de tristeza, mas se me alonguei aprendi, e fico feliz por aprender em grupo.

Terceiro Dia - 15 de setembro

No terceiro dia curso, iniciamos com apresentação dos textos (disparadores) que servem para subsidiar a reflexão nos grupos, sobre cada equipe.

Apresentação das propostas das equipes de co-gestão:

Monitoramento:

Apoio para respeito aos tempos combinados:

- começar atividades nos horários combinados, independente do número de pessoas presentes
- combinar mais tempo para grupos discutirem e prepararem apresentação projetadas digitalmente
- pedir que GT animação assuma a motivação para o despertar de quem dispersa do momento coletivo de aprendizado, devido às necessidades de tempo biológico de cada indivíduo

Infra-estrutura: Informes através da rádio das propostas do grupo.

Sistematização: Neste dia estará coletando informações para fazer o jornal.

Avaliação: Reflexão do grupo, sobre os processos de avaliação.

- Impressão confusa da avaliação
- Grupo seguiu com o referencial
- Estimular o coletivo a pensar os elementos da avaliação
- Duas dimensões: se o processo da conta (sistematização das praticas) e como o coletivo vivenciou o dia
- Retorno de como o coletivo esta se sentindo
- Discutir a clareza
- Não clareza é uma estratégia de desculpa
- O saber do povo não é reconhecido (lembrando as orientações dos grupos, que não é respeita o coletivo ainda sente necessidade da orientação “vinda de cima” (Aída e Claudio)).
- Orientação sobre a apresentação, quem da a orientação? Postura das pessoas ao receber a orientação

Destaques principais da avaliação:

- Sistematização (preocupação com a falta de clareza, foco “partir de – para onde – por que?”) apresentações confusas – alguns fizeram o processo, outros fizeram o produto.
- Tempo
- Clareza com relação a atividade do módulo anterior

Encaminhamento: Construção de um vitral

Lembrança da auto-avaliação (tarjetas nos quartos)

“Quais são as questões que trazem a falta de clareza”? Trouxe uma reflexão para o grupo sobre a falta de clareza que o grupo demonstrou na avaliação do dia anterior.

Serão três processos de avaliação: individual, coletivo e a construção dos elementos da avaliação.

Dinâmica: “temos que estar mais abertura para que todos recebam a dinâmica.” A dinâmica estar mais integrada com os facilitadores. **Apresentação com teatro!!! (Música: Geraldinos e Arquibaldos – Gonzaguinha) – Cama de Gato.**

Todas as apresentações foram filmadas ou registradas através de fotos.

ECONOMIA SOLIDÁRIA – Projeto de Desenvolvimento (retorno sobre a experiência de sistematização, apresentadas na segunda-feira) Apresentação realizada por Claudio Nascimento

Quando pensamos em Economia solidária, temos que pensar no projeto: pensarmos como rede da economia solidária, e não de outro movimento (identidade própria), pensar outro desenvolvimento. Tem uma estratégia e um programa = utopia (porque vais sempre se distanciando) concreta (vai acontecendo). Freire chama de inédito viável. Entrarmos na categoria do possível, escavar as possibilidades, não se ater à realidade dura (do econ  mico, do social). Segundo: temos três eixos do nosso horizonte: acabou o socialismo? O queremos com nosso projeto de sociedade? Acesso aos meios de produção, a socialização do conhecimento (estamos fazendo o novo ou reproduzindo patriarcado, etc.), e o encantamento da vida: não queremos o cartesiano do iluminismo, mas o encantamento da vida, desmercantilizar a vida e criar outros valores. Luta não    só contra a opressão do trabalho assalariado, mas pela água, floresta, etc. A autogestão, os produtores livremente (autonomia) associados (se expande na sociedade, longo prazo). Implica o educador militante. Esse mundo novo se constrói por baixo, que vai envolvendo o Estado, etc. É a socialização por baixo, e não o Estado que vai ditar a vida espiritual. Nesses espaços que não são da globalização. O que é o desenvolvimento?

Estado
Trabalho Cultura capital
Sociedade

A Estratégia política: FBES, SENAES, CNES –Que papel tem o centro formador para desenvolver a economia solidária?

Já ter conhecimento acumulado – plataformas, plenárias – CONES ↓

Conjuntura: formação descentralizada e que dialoga com vários atores (universidades, movimentos, etc.). = acúmulo de forças ↓

As estratégias de formação: tem que ter autonomia com relação    estratégia política (que se referem ao FBES- sociedade, Estado.)

Quando falamos no “gota a gota”, estamos falando em como criar o novo dentro do velho? Trabalhar o cotidiano, educador deve ter sentido experimental. Ter espírito mais aberto, trabalhar a incerteza. Entre a estratégia política e a de formação tem a sistematização, a importância do registro para deixar para as outras gerações

Como fazer? Academia e fundamental para complementar o processo de sistematização.

Nas eleições que estão aí, o que são os projetos de desenvolvimento? Temos que discutir esse projeto de desenvolvimento.

Em relação ao CFES: Qual nosso nome? A economia solidária está nos índios, mulheres, na comuna do palmares e quando nomeamos economia solidária é também necessário ver a sócio-economia solidária, econômico popular e solidária, etc. a história do CFES foi fundamental, ter uma memória. Como é a história da economia solidária? E a história local? Os registros orais são importantes. Outro é a política, grande espaço público de troca de saberes, falta de democracia é o pior problema. Tem também a filosofia, visão de mundo. O quilombola tem sua cosmologia, que tem uma antologia = o que fundamenta sociabilidade? Que elementos são fundantes da vida humana? Para uma visão antropológica? Como ele constrói uma visão de trabalho? Trabalhar a visão ontológica do trabalho? Ele estrutura toda a vida social. É fundamental porque a autogestão está ligada aos produtores, por isso a formação não é pensar o marco legal, etc.

Ergologia: corpo vivo, homem-máquina, a tecnologia é um modelo de vida. A universidade, além de fazer só incubação, ver outras tecnologias que propiciem o trabalho coletivo (fordismo não faz isso).

Projeto de sociabilidade – hegemonia intelectual e ética (como construir outras idéias, outro poder). Eixos: trabalho (como atividade humana que constrói muitas mediações, não pode separar economia de política), do trabalho surge à linguagem (o trabalho tem que surgir), cotidiano “hábitos”.

-qual seria nossa tarefa de sistematização? Nossos espaços de sistematização são poucos na formação, mas tem os espaços de autogestão.

São três:

1- Chão do trabalho - pedagogia da autogestão nasce das experiências de trabalho,

2- No território - que é a mais rica.

2- Estado – relação com poder local, com prefeituras, Estado como indutor e não criando dependência.

Destacando o chão de trabalho, pegamos o Oscar Jara (uma referência teórica para realizar a sistematização), trabalhando o conhecimento com a questão da ética. Cuidar: o que é local? Quanto mais próximo, melhor a sistematização. Vamos nos ater às atividades do convênio ou, quanto mais próximo do chão de trabalho, apesar do ativismo: como fazer para colocar a sistematização do cotidiano que tem que produzir. Desocultação de saberes – problema, depende da como fazer a tradução? Ela diz respeito à linguagem. Conhecimento que está encarnado, na carne, as pessoas que estão lá sabem. Quando eles estão trabalhando também estão construindo a pedagogia, vamos parar e fazer a discussão e não apenas reunião para discutir os problemas.

-pensar a pesquisa: orgânica, com temas relevantes;

-experiência: vivências, no processo de troca de saberes, desenvolver habilidades, cada experiência se transforma numa vivência (= experiência refletida) e se torna um narrador (quando vai relatar sua história e dar um sentido).

Vamos pensar o Encontro Nacional de formadores que se realizará em dezembro de 2009, estudar o Oscar Jara e trazer 4 experiências. Seria interessante fazer isso nos, para os encontros regionais.

Reflexão coletiva

Nilce: A ES ser apenas um instrumento de sobrevivência do capitalismo. Qual é a nossa autonomia? O desafio do CFES é garantir a troca. É a demanda dos estados.

Raimundo: perigo Ecosol não é só empreendimento, mas envolve o mundo, a convivência. E sobre a governança solidária da qual nós precisamos nos apropriar melhor.

Adriane: Construir o novo dentro do velho. E o velho está dentro de nós. Na nossa história colonialista. Para desconstruir a relação capital de trabalho, de relação norte-sul. Temos que buscar esses saberes das práticas sociais. E também usar saberes como de Boaventura de Souza Santos, ou de Oscar Jarra. Sobre que lente nós olhamos a realidade. Sobre a linguagem que ela expresse bem nossa intencionalidade. Sobre o trabalho podemos pensar como integrado a vida.

Fala Claudio: Para fazer mudanças sociais através da Ecosol precisa estar aliada a outros movimentos sociais. Do contrário será esmagada. A Ecosol é muito maior do que está no mapeamento e precisam se fortalecer mais nos territórios. A utopia para a transformação seria a ligação da sociedade ligada ao trabalho. Diferente do Estado ligado ao trabalho que é o populismo, do capital ligado ao trabalho submetendo-o. Falta a sociedade promovendo, fortalecendo o trabalho. Mas tem duas linhas de transformação: uma que quer ter o controle social sobre o Estado. Radicalização de democracia. Outra linha é emancipatório, que não quer nada com o Estado. Será que haver um momento que vão ter que se encontrarem essas duas tendências de pensamentos. Sobre a economia ela não é só a do trabalho, mas é também a economia política. Sobre a linguagem: uso da palavra empreendedor. Não gosto de falar de empreendimento de Ecosol, gosto de falar de experiência de trabalho associado. Porque as palavras carregam conceitos que vamos acostumando e vão nos conduzindo, no fazer e no pensar. A nossa riqueza está nas diferentes visões da sociedade como a brasileira com toda a sua diversidade cultural, que também deve ter o olhar de gênero, etc. quanto ao que é desenvolvimento.

Altamiro: Todos falando em Ecosol e confundindo os grupos e a base, sem distinguir Ecosol de solidariedade. Governo estadual de Goiás cria política pública para apoio à Ecosol, para fazer feiras. Mas o Estado muitas vezes faz política pública como projeto de governo, com fim eleitoral. E não é uma política de Estado.

Gedalva - Visões de desenvolvimento: requer olhar crítico da realidade e são diversos. E como penso esta com a soma dessas forçar. Por isso nossa prática precisa ser permanentemente repensada, a partir dos nossos espaços de intervenção.

Gysele: Sobre desenvolvimento. Os grandes empreendimentos fazem expropriações diversas nas comunidades no Pará, quando chegam para explorar os recursos naturais, por exemplo. Frente a este tipo desenvolvimento, temos o que a Ecosol propõe que é um desenvolvimento endógeno, local e sustentável.

Sobre o Conselho de Economia criar um setor de Ecosol. (informação do Altamiro)

Cláudio - Qual a nossa capacidade de consciência crítica. O meio acadêmico. Possuímos mil teses. De um lado virou moda. A linguagem é importante. O que é solidário: é o que nasce no solo. Para ter uma linguagem para ter unidade, garantindo a diversidade. Mas para nos compreender. Autonomia relativa: não é uma autonomia absoluta. O objeto do CFES é o trabalho associado. Temos que ter uma unidade do conhecimento das experiências que temos e estamos construindo. A sistematização é um instrumento.

O LUGAR DO EDUCADOR

Fala realizada por Aida Bezerra

Início da história do homem, o uso das mãos para criar instrumentos e seu ambiente de vivência. Junto com isto a sua ética de convivência. E a arte. Cada um aparece com talentos, e não uns mais que o embora isto fosse posto na nossa cabeça. A gente é que foi se encolhendo, obrigaram a gente a não aparecer. Vocês imaginem as populações pobres, quando se percebem com sua arte, o que tiveram que passar para chegar a colocar isto para fora. Do jeito que você imagina isto você vai fazendo o seu campo de viver. Isto tem a ver com o campo da educação. A gente foi criado separando o objeto do sujeito. E também um problema de repressão. O campo da educação sempre existiu, depois criaram as instituições. Mas é o campo da socialização. Trabalha com o homem social, que vem de desde todos os tempos. É socialização de saberes de modos de existência. A descoberta dessa relação

estreita com a natureza. O sistema colocou todo mundo como operando e não para pensar. Processo de separação dos saberes. A sociedade toda produz conhecimentos. Toda a sociedade tem saberes que não saberes menores. O espaço de vivência para a produção de conhecimento. Na pedagogia não podem faltar elementos que são essenciais para a produção do conhecimento. A autogestão não existe em si. A educação popular tem uma história, ela não é um método. Ela foi uma resistência. Não podemos separar a construção de saberes, dos modos de existência da gente. A gente está retomando esta dimensão onde tudo está junto. Quando fala de socialização dos meios de produção, é o trabalho. Quando a gente fala é nas relações que as coisas mudam, na suas experimentações, em trabalho. Trabalho e saber estão juntos, em direção a mais vida. A ecologia diz que homem e natureza não estão separados. Isto é novo e é dado mais bonito que vimos. Antes diziam que o homem podia usar a natureza. Quando ta mexendo no campo do trabalho está mexendo no miolo da mudança. Grande atuação do educador é fazer com que os trabalhadores pensem. Não existe uma fonte de saber privilegiada. Mas a sociedade toda produz saberes. Embora tenha que ter centro de excelência. Mas não é lugar absoluto da verdade. Os outros lugares não devem ficar submerso a este da academia. Porque não são saberes menores. Este é um trabalho do educador para revelar estes saberes. Temos que criar os espaços de convivência para trazer estes saberes populares à tona. E na recuperação disto no campo do trabalho. Não existe uma pedagogia nesta direção. É preciso ordenar o que não pode faltar no trabalho do educador. Ai entra a sistematização das práticas de educação. A gente vai construir uma pauta pedagógica para construir esta pedagogia da autogestão. Educação Popular foi criada a partir de uma resistência que não aceitava uma forma de fazer educação. Veio de várias experimentações. E teve várias figuras que contribuíram como Paulo Freire. E não devemos manter uma divisão entre uma Educação e uma Educação Popular. A Educação Popular para toda a sociedade, porque esta não é só para os setores populares. Educação popular não é pacotinho que a gente complementa a outra educação. Formação é um preparo para uma intervenção mais específico, como para atuação na Economia Solidária.

Reflexão coletiva

Alzira – A Educação popular tem a marca da resistência, que lhe dá uma marca política. E é uma educação que queremos para todos. Tem a ver com a economia que dizem ser dos pobres, como a Ecosol, mas ela não veio para ficar abaixo de outra.

Léo - Essa diferença de educação citada me lembrou quando a gente fala de justiça justa, isto não é uma redundância. Porque este termo é uma forma de marcar espaço para uma justiça alternativa. Mas uma forma de marcar território pelos caminhantes nestas utopias.

Nilse - Quando existe a educação formal, que é a reconhecida para a valorização social, como construir e ser reconhecida a educação popular nesta educação formal. Quando o educador formal permite mais espaço para discussão é tido com frágil sem postura e firmeza. Lugar do educador é lugar da mediação. Está no meio das políticas públicas e se movam, entre o Estado e público a ser beneficiado. A gente precisa escrever sobre o que fazemos. Porque só os outros escrevem. Porque quem vai fazer aparecer isto só seremos nós. Mesmo que seja escrever uma folhinha, mas já uma folhinha.

Clézio - Socialização dos meios de produção, precisa também socializar os meios naturais, sem este não socializa os demais. Verifica-se que o capital se utiliza demais dos recursos naturais. E as riquezas culturais também são apropriadas pelo capital. Na escala de produção vê atores sociais se apropriar do saber tecnológico.

E sobre a questão do saber popular: quais são seus movimentos para evitar a separação dos saberes, como a pedagogia da terra e que estão dialogando com a academia.

Edinara - Conceito formação e educação. Formador faz formação ou faz educação.

Aida - Formador é educador também.

Cleber - Quando a gente fica dando nomes diversos a educação, como a contextualizada, alternativa, etc é muito mais para conquistar mais espaço ou privilégio ou se distinguir. Tem muito material escrito nas universidades sobre Ecosol, mas fica preso lá.

Altamiro - Nos anos 70 nos discutimos muito educação dentro das CEBs. Depois foi parada no tempo, foi esfriada. Mas agora reaquece com as discussões da Economia Solidária, com sua nova forma de trabalho e convivência.

Alzira - Acho que a gente tá falando da academia como se isto estivesse longe da Ecosol. Mas 3 dos CFES Regionais são executados por universidades. A academia não está longe nós estamos dentro dela. Como a gente vai intervir se a gente tá dentro dela.

Joana - O CFES SE nos construímos juntos o projeto. O Norte, Neuda me disse que ele nem conhecem o projeto. As universidades então longe de nós. Nós temos que ir pra dentro das universidades, como quilombolas, ribeirinhos e tantos outros

Terezinha - Se hoje está assim é graças a nossa capacidade de resistência de luta. O que a gente enfrentou, a polícia, cachorro na ditadura militar, serviu pra gente estar onde a gente está agora.

Carmem - Em Cuiabá fizemos oficina com 100 jovens do Pró-jovem. Quando fizemos oficina eles perguntaram onde tá Paulo Freire e Josué de Castro que não vem nos ensinar. Na oficina estadual queriam reunir a PJ e outros movimentos. Houve momentos de denúncias contra os gestores públicos e foram descobertas irregularidades. O que fizemos foi empoderar estes jovens para isto.

Em seguida as regiões se reuniram para discutir as ações realizadas pelos CFES Regionais e foi apresentado ao grupo.

Apresentação das ações formativas realizadas nos Regionais

CFES Nordeste

Sobre o curso regional - Primeiro módulo: O curso aconteceu entre os dias 02 a 06 de setembro de 2009, em Recife. Na equipe presente estava Alzira e Suely, Gustinha não pode participar. Foi feito um acordo no conselho gestor de 4 pessoas por estado e 4 pessoas a serem convidadas como redes importantes, entidades etc. O curso teve a participação de 33 formadores/as escolhidas em cada estado pelos fóruns, faltaram pessoas por dificuldades pessoais. Convidou uma pessoa do núcleo NEATS (assistência técnica – Marialda). O processo de discussão de escolha teve por base critérios elaborados na reunião do conselho gestor. Por ser um curso de formadores/as deveria fazer uma discussão nos fóruns para discutir os critérios. A proposta era trazer pessoas com experiência em formação. Outros critérios dos fóruns entraram e poderia ter socializado. O curso de acordo com o projeto já tinha uma proposta de programação. O curso tem um núcleo comum com os elementos: educação popular, educação solidária, sistematização, psicopedagogia. Temas específicos para o curso: desenvolvimento local, territorial, sustentável e finanças solidárias e sustentabilidade. No primeiro módulo ficou desenvolvimento e o 2º ficará com a discussão de finanças solidárias e sustentabilidade dos empreendimentos. Os cursos estaduais também seguem esta proposta temática. Paulo de Jesus, coordenador do centro e professor da UFPRE. Trabalhou com temas em história da economia solidária e educação popular. Desenvolvimento foi tratado com Raquel Uchoa, professora da UFRPE, membro da coordenação do CFES-NE e Suely Noronha com o tema da sistematização. Teve uma discussão inicial sobre a rede de formadores, qual o sentido que vê sobre ser formador/a dentro da rede? Curso de 40 horas, 5 dias. Teve muita informação para pouco tempo de digestão das informações. Teve um desnivelamento das pessoas participantes do curso. Tinham pessoas já envolvidas em ecosol, fazendo formação e outras sem experiência em ser formador e sem experiência e discussão em ecosol. Exigir demais nos critérios dos participantes pode também ser um problema. A turma do regional saiu com a responsabilidade de junto aos membros do conselho gestor organizar o curso estadual. Data do 2º módulo – de 05 a 10 de outubro.

Comentários sobre a seleção das pessoas nos estados:

- houve dificuldade na escolha das pessoas pelo tempo
- como agregar as pessoas do nacional com o regional? Faltou orientação da coordenação sobre as escolhas.

A definição das pessoas não foi fechada, não foi fechado que as pessoas que foram para o nacional não iriam para o regional.

- houve discussão na reunião do conselho de tentar priorizar as pessoas que estão no curso nacional, mas os estados têm diferenças e a escolha cabia aos grupos locais.

No curso nacional a apropriação é mais metodológica, no regional é mais formação de conteúdo. Quem está no nacional a responsabilidade é com a responsabilidade política.

Os critérios de escolha parecem que se modificou nos fóruns. Precisamos discutir isso no conselho gestor.

- as pessoas que vão são representações, o grosso do debate deve acontecer nos estados, nos espaços (GT, coletivo) de formação.

- a questão não é ter ou não ido para o curso regional. A questão é a escolha e a participação dessas pessoas que vão para estes espaços e não estão articulados as ações dos fóruns.

- não temos um diagnóstico do nordeste todo, mas precisamos fazer.

- encontrar 40 formadores em Recife/PE neste momento é um problema. Será formação de formador ou formação em ecosol?

CFES Norte

- Mapear entidades estratégicas por estados
- GT's de Formação dos Estados
- Criação de um Site do CFES NORTE – missão, objetivos, parcerias, agendas, espaço de discussão para a rede de formadores.

CFES Sudeste

CONSELHO GESTOR – REUNIÃO EM ABRIL – 3 DE CADA ESTADO – PROXIMO EM 2 E 3 OUT. RJ

Dada algumas dificuldades de comunicação estão acontecendo 1 vez por mês reunião vídeo-conferência – próxima dia 21 de set

SP E ES CRIAÇÃO COLETIVO – 2 ENCONTROS ANUAIS –

JÁ ACONTECEU DE FORMAÇÃO:

- Encontro regional – 10 de cada estado – em 2 módulos – BH e ES

- No encontro no ES – o coletivo contribuiu na infra, propondo a pauta – que foi visitas aos territórios – 3 experiências - já que o tema era DLS – Bancos comunitários

E Sistematização

2 encontro regional será em um único módulo – proposta de acontecer em Outubro

Deverá acontecer pelo menos 3 formações locais:

Em alguns estados acontecerão de uma única vez – ex RJ

E SP e ES - 2 formações

RJ e MG estão em tempos diferentes com relação a SP e ES

Com relação equipe de metodologia: Na 1ª reunião do conselho gestor – se escolheu de cada estado 1 (uma) entidade e a 1ª formadora do curso Nacional do CFES para compor uma equipe juntamente com a coordenadora Pedagógica do CFES Sudeste:

- houve algumas provocações mas nada se concretizou de fato.

- esta sendo proposto uma reunião durante o seminário da Assistência Técnica com essa equipe para pensar nos 2 cursos Regional e outras proposições.

- Houve a sugestão dos 2 Formadores Nacionais vir a compor essa equipe – conforme a disponibilidade de cada um.

Digo - Importância da existência da equipe pedagógica do CFES SE, que delibera sobre diversos aspectos das formações.

Gal - Relato sobre segundo módulo do curso regional no Espírito Santo, com bom apoio de infra-estrutura do pessoal do fórum do Espírito Santo. Segundo curso regional não será dois módulos. Minas acontecendo em tempos diferentes, só não formaram o coletivo. Curso estadual em SP, ainda não definida data, os dois do ano, será um no interior outro na grande SP. Há 40 formadores de SP, tem 20 pessoas no coletivo de formação. Os 10 que foram no regional tem que executar este curso estadual. Assim como os outros 10 farão o segundo curso estadual. Há uma necessidade de muito envolvimento, e conflitos sobre a renovação das pessoas. Grau de compromisso que CFES exige, as duas entidades Anteg e Kairós sem remuneração se envolvem muito para ajudar a construir a rede de formadores

CFES Sul

Considerando que o convênio ainda não está firmado, Adriane colocou o grupo a par de todo o processo, explicando que a SENAES já aprovou a projeto de trabalho e o orçamento anda está em aprovação. A intenção é ter tudo aprovado e o convênio cadastrado no SICONV até 30 de setembro.

Quanto à documentação, Adriane apresentou a proposta inicial enviada pelo UNISINOS em 2007 (baseada no termo de referência da SENAES/CFES) e o projeto atualizado, contendo os objetivos, metas e atividades.

Adriane informou que ainda não foram tomadas iniciativas práticas de articulação porque a comissão executiva só pode assumir após a formalização do convênio, sendo importante que tal comissão participe dessa implantação inicial.

Os participantes da primeira e da segunda turma dos cursos nacionais, que são da região Sul, estarão, de antemão, entre os formadores regionais, visto serem capazes de replicar esse conhecimento e vivência já adquiridos e contribuir na implantação e execução do CFES. O grupo aqui presente pretende sair desse curso com uma estratégia preliminar de mapeamento e de mobilização dos formadores de cada estado.

CFES Centro-oeste

Ações já desenvolvidas:

- Primeiro curso de Formação Regional em Goiânia – GO; MT; MS; DF
- Cursos Estaduais: GO; MT e MS
- Oficinas Microrregionais.
- Realização do I ENCONTRO REGIONAL DE FORMAÇÃO DE COMERCIALIZAÇÃO – GOIÁS
- De 26 a 30 de setembro em Goiânia II Curso Regional de Formadores.

Experiências: Participação de Empreendimentos já formados; Segmentos: Indígena, Quilombola, Assentados, Acampados, Agricultura Familiar e gestores públicos federal, estadual e municipal.

Parcerias: SINTEP, RECID, SEDUC, SINTEGO, FÓRUNS ESTADUAIS, UCG, CUT.

Média de participação nas formações é de aproximadamente sessenta (60) pessoas

Debates sobre os relatos

Mari pergunta como está o processo de incorporação dos formadores que participaram das atividades nacionais na organização das ações do CFES Sul.

Adriane - Serão os primeiros a serem chamados para participar dos eventos a serem organizados. Quando ingressar equipe executiva vou encaminhar esta proposta para esta coordenação.

Cleber - Se formadores do Planseq do ano passado poderiam ser incorporados?

Suely - Há necessidade de muito planejamento. Na Bahia, por exemplo, são 5 pessoas no coletivo estadual. Senti ausência relação CFES com FEES. Há necessidade de afinar mais FBES com CFES Nacional.

Léo - Participação Planseq ainda meio nebulosa. E há outras dúvidas na relação CFES Nacional e Regionais. Mas foi muito elucidativo a conversa que estamos tendo aqui no grupo.

Altamiro - Há necessidade de planejamento mais intenso sobre a relação CFES Nacional, Regional e FEES. Há necessidades de ajustes na relação CFES CO com FEES. Há divergências de representatividade dentro do todo.

Dig  - Conflitos entre entidades que estão coordenando o processo, com FEES e entidades v o existir. Graças a Deus. Se aparecem   melhor do que ficarem velados. Surge a importância e fora dos conselhos para trabalhar estes conflitos. Conselho também   espao de formao e soluo de conflitos. A questão do PlanSeQ   uma política da SENAES de formao que é muito importante se aproximar com o CFES. Importância de aproveitar momentos de formao para colocar questões importantes do movimento.

Alzira - Fazemos esta discussão à primeira vez, há desnivelamento e me preocupa dizer sobre deve fazer isso ou aquilo. Tenho muita preocupao sobre questões do CFES NE. Aqui está só uma parte para tomar decisões. Temos que conversar com muitos atores.

Quarto Dia - 16/09/2009

No quarto dia de atividade, as equipes de co-gestão iniciaram o dia apresentando as propostas de cada grupo:

Avaliao: O vitral é a ultima avaliao individual que será trazida para o coletivo. Será feita uma nova janela para mais inseres no vitral.

Elementos que compõe o processo da pedagogia da autogestão

1. Tempo individual/ritmo coletivo
2. Expressão das particularidades
3. Constituio do coletivo
4. Sistematizao das praticas
5. Partilha de responsabilidades
6. Implicao no processo
7. Avaliao

Sistematizao: Desenhar a trajetória individual/pessoal dentro do Brasil.

Dinâmica: dana

Monitoramento: Reprogramao da agenda

Infra-estrutura – Encaminhamento sobre a organizao da festa e do passeio por Brasília.

Conforme foi solicitado pelo grupo, Claudio Nascimento estará iniciando a “conversa” sobre a rede de formadores em economia solidária.

A Rede de Formadores Por Claudio Nascimento

A rede não   só horizontalidade. É um processo que estamos construindo. Temos várias concepes de rede. Como a rede RECID. Apresentao de uma proposta para a Reflexão. A Rede política orgânica. E a rede da ES que tem uma estratégia de desenvolvimento. Em uma mentalidade orgânica do que são os CFES, já se tem um acúmulo. Temos vários segmentos que estão atuando nossa rede. A nossa funo é a estratégica de formao, construir a unidade para a disputa política. A formao tem que fortalecer a estratégica política.   pra transformar a pratica política, pedagógica. Temos o FBES e as suas estruturas –   verticalizada. Tem os espaos que o movimento conseguiu conquistar. A SENAES. Tem o Conselho, que possui cinco comit s. Tem o PNQ. Mas tinha amarras. Conversa com o FBES. A organizao das oficinas nacional de formadores do FBES. A organizao da Rede de formadores. O papel do CFES Nacional.   um lugar de “excelência” que não vai determinar nada. Mas construir. Aprofundamento de algumas questões, pra dar uma unidade pedagógica, ou metodológica. Um tronco comum. Tem uma ao fragmentada. Tem uma historia comum, com singularidades especificas. Como estamos trabalhando a história. A unidade   uma construo aberta. A unicidade é o Estado que constrói. A unidade   construida coletivamente. Os CFES regionais possuem mais autonomia. Os coletivos estaduais de formao têm que estar articulados com os Fóruns estaduais. A autonomia   relativa. Como

a gente articula a estratégica política da estratégica formativa. A formação não pode estar no campo da disputa política. Juntemos a horizontalidade com circularidade.

Debate

Alzira – essa é uma discussão nova para gente, temo que encara-la como uma experimentação, uma aprendizagem nossa. Pensar a rede como um espaço de aprendizagem e troca entre os formadores, as experiências são compartilhadas, no coletivo. A minha preocupação com a construção da rede, temos que pensar a relação dos formadores dentro da rede de uma forma democrática, horizontal. Temos que nos preocupar com a relação também com o CFES, uma relação a ser construída. Não é uma reunião de rede de CFES, porque somos todos formadores, como vamos pensar essa rede como rede de troca de saberes e experiências que estamos realizando entre os formadores.

Cláudio – A rede deve ter uma unidade político- orgânico, a rede deve ter uma politicidade, a rede de uma ecosol que tem uma estratégia de conhecimento, tem acúmulo das oficinas, das experiências. Pode se pensar de ter núcleo de formação nos empreendimentos. Constrói-se uma entidade para ter força política. FBES → fórum estadual → CFES → CFES regionais. Espaço que o movimento conseguiu conquistar no governo (SENAES), a se pauta a questão da educação, da assistência técnica. Dentro há o PNQ. Se pensar que o Planseq iria fazer a formação, mas há várias amarras, e ao mesmo tempo tem o Fórum. Organização de oficinas. Temos um conhecimento acumulado que foi construído pelo movimento de ecosol. Criar 5 CFES regionais, e 1 nacional, para fortalecer a rede de formadores. É uma transição, fazemos experimentações para construir, é a tarefa do conjunto. O papel do CFES nacional: papel de excelência (não determinante), um espaço para aprofundar questões, como por exemplo, a sistematização, ou então o papel histórico da identidade da ecosol. Para dar unidade pedagógica ou metodológica, o tronco comum.

Suely - acho estranho essa idéia de tronco, de unidade metodológica,

Cláudio – o que é essa unidade, unidade pedagógico-metodológica, é uma construção com um conjunto, (a unicidade é o estado que constrói um único pensamento, etc.), uma diversidade imensa que necessita de um tronco, uma base. O CFES nac tem uma função importante nisso. O CFES regional tem mais autonomia para trabalhar as realidades locais. Que relação tem os coletivos regionais de formação com os CFES regionais, eles também tem relação com os fóruns estaduais. Existe o espaço governo e movimento, e existe o espaço da rede que tem que ter autonomia. Como a formação pode aprofundar a estratégia política, como se pode aprofundar a disputa de poder, a hegemonia. A formação não pode se submeter à disputa política. Questão da experiência da ecosol, o chão de trabalho.

Suely – a idéia de unidade é uma idéia de síntese, isso não me contempla. A idéia de a árvore, também não, porque árvore esta dentro de uma floresta, um sistema.

Alzira – pacto pedagógico ao invés de unidade pedagógica.

Cleber – questão do papel do CFES

Altamiro –

Gedalva – comprometimento, valores, o que recai sobre nos que estamos vivenciando, construindo e reconstruindo essa historia reportar essa memória para que essa rede tenha uma organicidade, unidade, historia e memória.

Edinara –

Adriane –

Digó –

Joana –

Claudio – combinar as diversidades dos CFES, combinar a desigualdade, discussão a ser feita para discutir uma linguagem, a questão do pacto pedagógico é a melhor opção que temos,

espaço público, postura ética (cada um deixa em casa suas tendências), epistemológica (construção de saber). O conhecimento só é conhecido na polemica, na diversidade.

Em seguida, foram divididos os grupos, através de uma dinâmica, para discutir os objetivos, olhando para nossa arvore os nossos objetivos e expectativas e repensar as nossas ações após o aprendizado.

O PACTO PEDAGÓGICO **Coordenado por Aida Bezerra**

Apresentação dos grupos

Grupo 1 - Cleber, Mari, Sérgio, Gustinha, Gedalva, Jaqueline, Altamiro

1. Impactos do método autogestionário para usos como educador em práticas formativas
2. Mexe nas estruturas de um conceito educacional que temos.
3. Ajuda a compreender melhor o que    e a importância da sistematização de práticas de formação.
4. Permite um novo conceito de liderança, a liderança autogestionária.
5. Permite rever a própria prática (tanto por provocar conflito como impacto positivo), assim permite se perceber e gerar vontade de interagir, sendo por isto um processo replicável.
6. Tem poder desafiante para tentar aplicar e provocar os mesmos impactos em outras pessoas.
7. Cria motivações e provoca a revisão de práticas de formação.
8. Há necessidade de fazer com que os participantes não entendam que esse método autogestionário não significa que não há controle sobre o processo.
9.    necessário perceber os momentos de recuar e avançar.

Grupo 2 - Eni, S  skya, Raquel, Gisele, Neuda, Neide, Alzira, Raimundo, Angelino, Adriane e Gisllayne

1. Avaliação do processo de autogestão
2. Interessante trabalhar dessa forma, pois estamos construindo de maneira diferenciada do que a gente vivencia porque propõe a construção coletiva, mas tem suas limitações;
3. A gente se sente participando do processo e não a margem dele, ao longo do processo fui entendendo a sua importância, pois não levamos as coisas já prontas;
4. Estamos percebendo a importância de construir algo diferente, estamos sendo atores dos processos.
5. Precisamos discutir mais o que    rede e qual o seu papel;
6. Precisamos refletir o nosso papel, como conduziremos isso, como prepararmos nossas bases para receber isso;
7. As críticas estão sendo muito pesadas, pois houve planejamento para algo novo, precisamos refletir esse planejamento, como fazer esse processo;
8. É bom estarmos tendo espaço para vivenciar essa autogestão, colocar em prática o que pregamos os nossos valores.
9. Dificuldades no planejamento de formação devemos nos planejar de acordo com a cultura da comunidade, precisamos ter conhecimento prévio;
10. Devemos respeitar o conhecimento local, nesse curso estamos adquirindo mais experiência para lidar com determinadas situações;

11. Esse curso é muito produtivo, pois estamos criando mais experiências, mais trocas de saberes para estarmos levando para as nossas atividades;
12. Precisamos de um referencial, isso é necessidade do ser humano e não porque estamos acostumados com a educação bancária;
13. É interessante a maneira como foi colocada a metodologia, trabalha assim, mas não percebemos que estamos fazendo a autogestão. Estamos começando entender isso agora. Isso é muito engrandecedor, começamos a ver o outro muito mais perto de nós.
14. Devemos estar deixando em aberto às etapas da realização desse processo, devemos também ter bem claro o que queremos e aonde queremos chegar.
15. Temos liberdade de começar do zero e devemos saber usar isso;
16. Na nossa pratica de formadores temos intencionalidade.
17. O que se pretendia com essa prática era que aprendêssemos a ter uma referência a construir essa prática da autogestão;
18. Autogestão separadamente como para os empreendimentos, como se isso fosse uma coisa que o educador iria levar. Existe uma troca de saberes.
19. O processo autogestionário da aprendizagem é a democracia na educação;
20. Devemos reconhecer a importância do outro e não levar os saberes como sendo algo pronto;
21. Saberes não como certos e errados. Temos muita dificuldade de lidar com essa autonomia, com esse exercício;
22. Fazer um re-planejamento com o que foi feito no processo;
23. Devemos avaliar o nosso entendimento sobre os 3 módulos (inclusive o não-presencial). Nessa jornada tivemos etapas construídas em nosso território e devemos continuar nosso exercício de aprender.
24. Precisamos refletir nossas práticas;
25. O processo é muito válido e avaliá-lo é muito importante;
26. O GT de sistematização se diferencia, pois os outros são mais operacionais do evento. A sistematização constrói um norte muito mais completo, não acaba com o término do módulo, isso é complexo e exaustivo. Devemos repensar a sistematização. Deve ser mais responsabilidade da coordenação;
27. O planejamento dos GT's não está sendo feito de maneira autogestionária;
28. Uma exposição não necessariamente é uma educação bancária. Devemos observar a pedagogia.
29. Minha percepção enquanto formadora acredito que dentro dos nossos processos já trabalhamos com a autogestão e estamos aqui para um melhoramento, aprofundamento mais teórico, criar metodologia necessária. Devemos ser formadores no sentido de ouvir, pois isso faz parte do processo de autogestão;
30. Localizar as etapas, sistematizar se torna complexo como começamos a ver as coisas de forma mais complexa;
31. Cada etapa que estamos vivendo é um replanejamento de algo que foi pensado e está sendo repensado durante o processo;
32. A autogestão é mais do que uma metodologia, ela é uma prática, uma vigência.
33. Acredito que só falar em ecosol não é suficiente. Precisamos viver sentir a ecosol. Em alguns momentos as pessoas não falam no intuito de somar, mas sim no intuito de se opor;

34. Que educadores somos (seremos nós) se não soubermos respeitar, entender o outro;
35. Devemos estar preparados para moldar as nossas práticas, estamos aqui como representantes, iremos pulverizar conhecimentos. Devemos ter muito cuidado com as nossas falas;
36. Devemos criar o hábito de fazer avaliação processual.

Grupo 3 – Andréia, Digó, Suely, Sonale, Bega, Carlos, Joana

1. Faltou uma apresentação mais clara do objetivo do encontro do CFES nacional no primeiro Módulo. (Obs: Está claro que este processo é formativo pra própria coordenação do CFES)
2. Pensar o lugar da Coordenação do CFES no processo de gestão
3. Ainda falta entendimento por parte do grupo sobre o que é um espaço autogestionário
4. Faltou envolvimento de parte do coletivo... Talvez o cansaço, ou falta de acúmulo para desenvolver as atividades, processos.
5. A metodologia construída por nós foi interessante, porém teve limites:
6. - Trouxe a provocação com relação aos espaços dos indivíduos, desconstrução de idéias e preconceitos... Possibilitou a participação de todos/as
7. - Flexibilidade de comportamento, postura e técnica... A autogestão exige de todos nos e da coordenação isto... Na autogestão não tem espaço pra caciques...
8. - Ainda existem dificuldades na compreensão do que é esta gestão compartilhada ou autogestão e de como desenvolver isto na Regional ou nos Estados
9. - Dificuldades em ouvir o outro
10. - Ainda estamos acostumados a receber as coisas prontas

Sugestão:

11. Trazer no início uma discussão de autogestão... Dar uma nivelada nas experiências de autogestão já desenvolvidas pelo coletivo...
12. O que se quer? Usamos o exemplo do ocorrido com o GT de sistematização, não ficou claro o que se queria pra o grupo pudesse apresentar um produto...
13. Dar espaço pro GT se avaliar como realizador de autogestão
14. Você só consegue avançar na democracia se nivelar as coisas... Mínimo de consenso... Não temos que ter verdades absolutas... Pelo menos saber o que outra está pensando e o que pode ser consensuado.

Avanços:

15. Houve um crescimento significativo em relação ao processo de autogestão do primeiro para o segundo módulo...
16. Houve maior participação...
17. Nas plenárias aumentou um pouco a participação, mas ainda são as mesmas pessoas participando...
18. No desenvolvimento das tarefas melhorou significativamente... Maior envolvimento.

Grupo 4 - Bárbara, Artur, Braz, Leo, Clésio, Terezinha, Carmem, Nilce, Gal, Monique, Saulo

1. Voltar as discussões anteriores pode atrapalhar o percurso, assim como, induzir temas, por exemplo, marco legal ou o próprio CFES.
2. Tempo melhor aproveitado neste módulo do que no primeiro, apesar da extensão de muitos dias.
3. 1   dia exaustivo demasiadamente narrativo, não houve boa apreensão.
4. Poderia haver mais diálogo.
5. Desconstrução das palavras: positivo – muito estimulado – perspectiva libertadora.
6. Enfatizar a existência de variados modos de gestão, foi um elemento de ganho, como a idéia da sistematização foi no primeiro módulo.
7. Apesar da sensibilização pela sistematização, há a angústia nas inter-relações pouco aproveitadas nas a  o  es de comercialização e mapeamento.
8. Ao final do 1   curso houve 1 discussão sobre nomenclatura de GT, o que nos prendeu a palavra Autogestão, que não é isso, é gestão compartilhada.
9. Há uma espécie de indução por parte de um GT (tratoramente) que acaba desconstruindo algumas decisões e discussões previas.
10. Houve uma desconstrução e uma reconstrução.
11. Gestão do horário: não está boa, não temos tempo para conversar, trocar experiências, vivências.
12. Poderíamos melhorar verificar o que esse coletivo tem da concepção de economia solidária.
13. Se tivéssemos tido mais leveza do que dureza, o que acaba dificultando o trabalho dos gt's acaba gerando constrangimentos.
14. Aproveitar esses espaços de união de todos os estados para compartilhar experiências, se não acontecer aqui, ficará muito difícil de fazer isso quando a gente se afasta.
15. Falta de respeito à democracia: não adianta que não teremos uma decisão unânime; se ficarmos revendo sempre acaba atrapalhando a idéia de democracia.
16. Ponto positivo: flexibilidade, responsabilidade, envolvimento;
17. Esperava mais.
18. Foi um desafio, pois não sabia que minha missão era tão grande.
19. Esperava que os 27 estados com uma divergência tão grande e tão rica, de colocar experiências e receber experiências. Acaba levando as discussões pra fora por não poder fazer no espaço que foi aberto, no caso, o curso.
20. A maior não está conseguindo engrenar, teve a percepção que estava fora do contexto, e pela conjuntura atual ainda estamos fora do contexto.
21. Temos que aproveitar o espaço de hoje e de amanhã para resolver essas pendências.
22. Fico tentando ver o objetivo maior do CFES, o que ele pretende? Muitas pessoas quando voltaram pra c  , pensaram o que eu vou fazer nesse segundo encontro? Os laços criados no primeiro encontro fazem com que você volte com mais ânimo. Existem verdades predominantes, e quem não concorda acaba sendo preterido.

23. Perdemos muito, por não viver as experiências de outras regiões, tivemos muito pouco para trocar experiências.
24. Existe uma disputa muito grande de espaço, quem vale mais, o que ta em jogo, o meu conhecimento, a minha verdade, um pouco daquilo que a gente expressou no grupo de outras linguagens, repete-se muito, escuta-se pouco, existe uma necessidade muito grande em repetir o que outro fala, para que passe a ser a sua verdade.
25. Tem-se um prazo de validade. E surge uma pergunta: Temos consciência do que somos e do que faremos?
26. Tenho percebido um pouco mais de solidariedade, existem pessoas que são tão petulantes, a historia não foi construída em cima dos atores, como que funcionou.
27. Percebeu uma mudança desde o primeiro encontro, o tempo já não foi tão exaustivo, os GT's não tiveram tanta discussão, houve mais hegemonia, fico preocupada com que caminho vai dá.
28. Muitos dos atores dos regionais têm mascaras e não tiraram as mascaras e não conseguiram colocar o que tem que fazer,
29. Onde que ta meu compromisso, onde que ta minha responsabilidade, queria poder, colocar mais e colaborar mais.
30. Libertação: se a gente não começar a reinventar, por que governo e feijão so consome na panela de pressão.
31. Antes do processo da construção do CFES, nos que saímos na frente com a CUT nosso ponto positivo na formação, a questão da gestão partilhada dentro da rede, para trabalhar isso, é difícil, tem que ter: ex: 2500 manutenção, se eu pego 100 daquele dinheiro, tem que trazer a nota, se não entender esse processo, não tem transparência.
32. Papel igreja, continua, mas pouco do que era antes – comunidades eclesíásticas de base.
33. Fórum está errado, muitos projetos, e nos que estamos no meio acabamos por nos perder.
34. MTE – SENAES – CFES – FORUNS – Nós não podemos se entrelaçar, para que possamos entender esse processo, a criança nasceu e está começando a dar os primeiros passos, o desafio e grande, e a utopia.
35. Está aqui para devolver para a rede solidária de pesca e como ela se insere nesta Rede, o que se discute em relação a economia solidária, esperava um curso, encontrou um seminário que está se construindo uma rede, uma mescla de seminário com uma oficina, não que não seja uma formação, mas no caso da questão da rede. Quais as diretrizes e conceitos discutir com a base e quando isto vai acontecer, já que mesmo nos cursos regionais o público serão os formadores local-regionais?
36. Muitas pessoas tinham duvidas do que era a rede e como se constrói a rede, deveríamos afunilar para saber o que são realmente esses conceitos, quais seus princípios e diretrizes.
37. Nas regionais, se a gente quer que esses conceitos fossem construídos na base, era necessário que eles estivessem aqui, não seria um momento de reconstruir esses conceitos. Parece-me que algumas regiões que fizeram não fizeram esse feed back.
38. A questão metodológica do evento, objetividade de pra onde queremos ir, a equipe norte verifiquei que está iniciando e estamos tentando entender.
39. Quais as demandas: vamos pros encontros, vamos verificar esses entendimentos, o que vamos construir na base, é diretriz, como é que vamos fazer, com vistas a construção da rede. Não está muito claro.

40. Pouco falei, por que normalmente ouço, vim por indicação na linha de empreendimentos, por que senão nesse curso só viria assessoria, não estou tendo a visão de curso. Não trocamos idéias, estão querendo fazer com que nos entremos nas idéias dos outros, idéias prontas, falta das experiências das bases, estão colocando uma coisa de cima pra baixo e não o contrario como deve ser feito.
41. Disputa de poder e espaço, centralizada a conversa entre 8 ou 9 pessoas, mas esse grupo é que traz as idéias é que “manda”. Nada contra a questão da academia.
42. Estamos avaliando se o processo pedagógico está funcionando, se nos estamos entendendo, eu pessoalmente me demonstrei confuso, haja vista, ter que levar a questão da economia solidária de volta para as bases,
43. Acredita uma falta de entendimento entre CFES e fórum brasileiro, o que não me deixa claro, uma coisa é participar de uma construção de uma visão de mundo completamente diferente, o método a gente sabe. Mas tudo está muito no campo da idéias. Nós fazemos parte desse mundo errado que a gente ta querendo mudar, a gente vai trazer muito vicio, se a gente fizer uma coisa num nível muito elevado, não atingiremos as bases, estaremos falando pra nos mesmos. O que se discute aqui é horário é tema, que é papel dos organizadores, a idéia é se formar juntos por que ninguém é melhor que ninguém. Por mais que não admitamos que não exista hierarquia, existe hierarquia.
44. Estamos lidando com contradições antagônicas: o marco legal (institucionalização) e a liberdade de trabalhar de forma autônoma e independente das organizações de Governo.

Reflexão de Aida Bezerra

A formação tem a proposta de fazer a discussão sobre forma e conteúdo, o poder e o saber. Não dissociar isso. Qual é o seu lugar de poder. Cria-se na formação um estado disso. Era tudo definido. Necessidade de ocupar meu espaço de poder. Esse é o campo de experimentação. É o campo do aprendizado do poder. Ele não entra pelo ouvido entra pela prática. Antes de experimentar começa a criticar. Aonde vamos colocar o chapéu. É mais fácil fazer uma critica, ou vivenciar o que esta sendo vivenciado. Estamos aqui para resolver conflitos. Capacidade de negociação a partir dos interesses. É para deslocar as pessoas. Abrir um lugar para dinamizar o processo. Como a gente estabelece e negocia pactos. Sofrer a experiência é um pedaço. Em um primeiro momento parece ser anárquico. Quando a gente pensa a gestão tem que pensar no tempo. A gente tem que ter mais tempo pra se encontrar, mas também o aprofundamento temático. Quando for fazer formação pensar nisso. Não faça todo de uma vez. Menos ambição na formação. O que fundamenta essa proposta de gestão: a referência. É uma tendência da formação. A educação ético-estética: como é o poder, como é o saber. Mas não pode ser antes da experiência. Os GT são equipes de gestão, que não diassocia a temática. Não é uma tarefa, é um lugar de controle do processo, aonde tenho o poder de rearrumar, de propor. A gente precisa repensar a linguagem. O que queremos é a potencia da ação. Começa a dismantelar o lugar do poder. Cada grupo é absolutamente diferente do outro. A gente tem um grau de governabilidade. O que ela se acelera. Esse processo aproxima mais as pessoas, que ajuda a desenvolver a confiança. É o trabalho na ordem da afetividade. Não é um exercício do poder, mas reencontro.

Apresentação da Sistematização realizada pelo GT do primeiro módulo.

Informe Abegair sobre Santa Maria e Fórum Social.

Quinto Dia - 17/09/2009

No inicio do último dia de atividade, a equipe de avaliação apresentou a proposta de avaliação para o coletivo: avaliação individual/auto-reflexão.

Referencia para avaliação coletiva: construção dos elementos do processo da pedagogia da autogestão.

1. Tempo individual/ritmo do coletivo
2. Express ao das potencialidades
3. Constitui ao do coletivo
4. Sistematiza ao das pr aticas
5. Partilha da responsabilidade
6. Implica ao do processo
7. Avaliaçao
8. Espaço da crítica e da autocr tica

A avaliaçao realizada por cada formador/educador será digitalizada e anexada ao relatório.

Em seguida, Claudio Nascimento realizou uma reflexão, sobre a rede de formadores:

Para a realiza ao do seminário nacional, inicialmente iremos fazer uma reunião com a SENAES, convidando os facilitadores e o conselho gestor do CFES Nacional. Fazer o que for o mais rápido. Depois uma reunião com os cinco CFES: uma reunião com a perspectiva da construçao metodológica. Sugestão para o Seminário Nacional pode ser a partir de um encontro regional, de um encontro estadual. Construçao da rede é uma estratégia política. O eixo motriz é o FBES, é o sujeito principal da nossa estratégia política. A partir das atividades nacionais que tratam de um projeto para a economia solidária, para uma estratégia para a sociedade.   aonde esta a questão da estratégia política, de um programa, plataforma e de um projeto. Pode ter um programa sem ter projeto. A outra estratégia é a rede nacional de formadores. Que fica responsável pela é um campo aonde se estabelece o pacto pedagógico. Se não tem a Rede o CFES não tem sentido. É nesse espaço que tem os coletivos estaduais de forma ao. Ter em cada empreendimento ter um núcleo que discute a forma ao. Como se da   forma ao da ES em cada espaço. Depois viria os cinco CFES, que está mais próximo da rede. O FBES e a rede é estruturante para aprofundar a estratégia política.   uma rede dentro da rede. É mais complexidade para nós. Os CFES regionais são os espaços de circularidade de saberes, de conhecimento, através do lugar aonde você tem as atividades regionais, o campo aonde circula os saberes, que tem a ver com o CFES Nacional, que tem uma fun o executiva. Tem a responsabilidade da autogestão da pedagogia, que vão levar para a prática. Executar de modo autogestionário a pedagogia. O CFES nacional   espaço público de epistemológico  tico, aonde vai ter a troca e a produ o de saberes é o guia da pedagogia da autogestão, através da sistematiza ao. É um espaço da "excelência". Para chegar   prática, que é o espaço da verdade. Instrumentos de forma ao. Desafio é a construçao da identidade. Ai tiramos os eixos temáticos que vamos trabalhar. O que estamos tentando tirar a história. Isso é uma tarefa do FBES. A nossa concep o de pedagogia. **A SENAES. (Falta pegar a fala) Media o; é a principal categoria da dial tica. Como nós construímos elementos políticos pedagógicos para tratar as contradi o. Com aqueles que podem vir para o nosso lado pode ser o processo de media o política e pedagógica.   constru o nossa. Tudo nasce do movimento social da Economia solidária. O campo da ES é o chão de trabalho associado.   o lugar que apresenta a maior complexidade. Onde se articula o espaço territorial: se pegarmos os quilombolas....(pegar fala).**

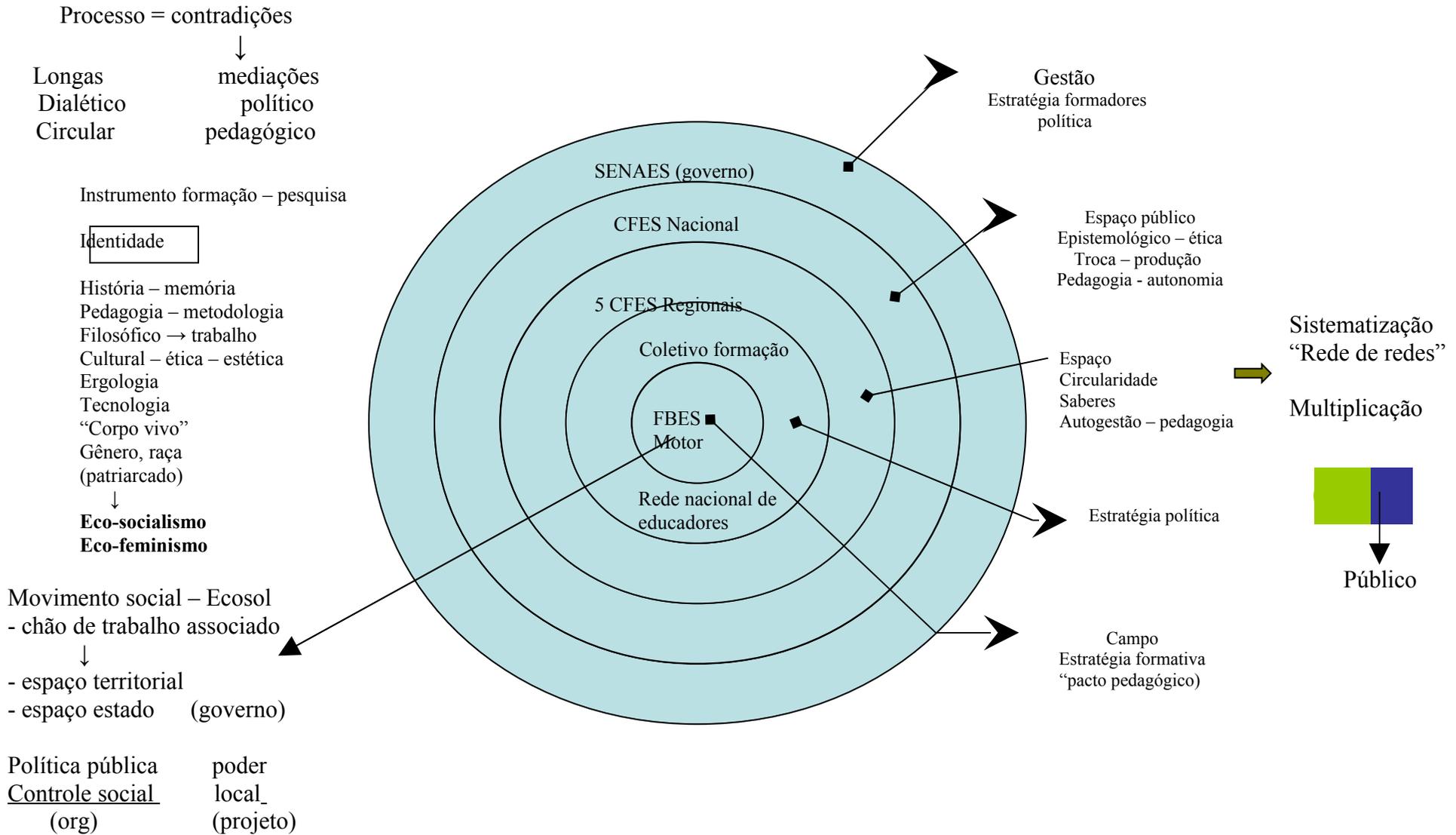
A Sistematiza o é a transversalidade. As a o são serão definidas na nossa prática. O que estamos falando   da rede de redes. O processo de constru o: constru o a partir da temporalidade.   um outro projeto de sociedade. Não da espacialidade. As nossas experiências também vão mudar a nosso pensamento artístico, através das imagens. O pensamento visual   uma obra aberta. Podemos sempre ver uma outra possibilidade.

Término das atividades.

Considera o

Da programa o inicialmente proposta, somente não realizamos a oficina de experiências.

Apresentação do organograma para subsidiar o debate sobre a Rede de Formadores



**FORMADORES SEGUNDA TURMA DO CURSO DE FORMAÇÃO DE FORMADORES CFES
NACIONAL**

NOME	ESTADO
CENTRO-OESTE	
Braz de Lima Sobrinho	Mato Grosso
RAQUEL DE OLIVEIRA BRANCO DANTAS	Mato Grosso do Sul
ALTAMIRO JOSÉ DE OLIVEIRA DE MORAIS	Goiás
Terezinha Barbosa Bernardes	Goiás
SAULO FERREIRA REIS	Goiás
SUDESTE	
Galdene Conceição dos Santos	Espírito Santo
Joana Alves Louback	Minas Gerais
Diogo Jamra Tsukumo	São Paulo
Leonardo Ejito Coelho	Rio de Janeiro
NORDESTE	
Raimundo João da Silva	Piauí
Artur Melo de Souza	Pernambuco
Nilce Cardoso Ferreira	Maranhão
Ana S��skya Vaz	Ceará
Alzira Josefa de Siqueira Medeiros	Pernambuco
Suely Noronha de oliveira	Bahia
Maria Augusta Alvares Accioly Silva	Sergipe
Gedalva Queiroz Brito	Alagoas
NORTE	
Andréa Christianne da Silva Mendes	Rondônia
Barbara Santos Macedo Espidola	Pará
Eni Naura Teixeira da Silva	Pará
Munique Daniela Maia de Oliveira	Tocantins
Carlos Laran Taborga	Acre
Neuda Maria de Lima	Amazonas
MARIA SONALE DE QUEIROZ	Amapá
JAQUELINE GOIANO VANZELER	Roraima
SUL	
Edinara Terezinha de Andrade	Santa Catarina
Adriane Ferrarini	Rio Grande do Sul
Angelino Soares de Melo	Paraná
PLANSEQ - REDE	
Oditon Azevedo da Silva Junior	Rio de Janeiro
Gisllayne Cristina de Araújo Brandão	Rio Grande do Norte abelha
Neide Maria Palhano dos Santos	Rio Grande do Norte (abelha)
Begair do Carmo Flores	Rio Grande do Sul
Clezio Silva Fonseca	Pará